



SOCIALIZAÇÃO NA UNIVERSIDADE: A RELAÇÃO ENTRE A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE ESTUDOS INFORMAIS E APOIO EMOCIONAL

Natália Cristina de Medeiros¹

Adir Luiz Ferreira²

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa³

Rafael Araújo da Silva⁴

RESUMO

O presente estudo aborda a importante discussão acerca dos impactos da constituição de grupos de estudos informais no percurso dos estudantes que pretendem ingressar na pós-graduação em Educação da UFRN. Ele foi elaborado a partir da própria experiência de parte dos autores, somada a relatos de experiência de seis sujeitos, cuidadosamente analisados e fundamentados por influentes estudos de Ferreira (2012; 2014) e pela dissertação de mestrado de Medeiros (2018) e desvela um valioso aspecto da vida na Universidade pouco explorada pela ciência: o apoio emocional proveniente da socialização entre pares. Desse modo, trata-se de um trabalho cujo tema é crucial para que, ao montarmos o quebra-cabeça da rotina universitária, não nos esqueçamos dos elementos informais que estão na base da experiência dos estudantes.

Palavras-chave: Socialização, Grupos de estudo informais, Apoio emocional.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Educação e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN – nataliacristinademedeiros@gmail.com;

2 Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Ciência Política pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III. Professor titular vinculado ao Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, adirlfer@gmail.com;

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestranda no Programa de Pós-Graduação da UFRN – jukasbarreto@gmail.com;

4 Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especialista em Alfabetização pela UFRN, mestrando no programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN – rafa.ufrn.pedagogia@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Mesmo vivendo em uma sociedade que estimula, cada dia mais, ações que promovem a dissolução dos laços sociais, há, dentro da universidade, movimentos que validam a socialização como fenômeno fundamental para a experiência dos universitários, no tocante ao alcance de seus objetivos e realizações e obtenção do sucesso acadêmico. Fazendo com que nos lembremos quão importante é a troca de conhecimentos e afetos, nos mais diversos âmbitos de nossos convívios.

Nesse ambiente evidencia-se a constituição de grupos das mais distintas naturezas. Podemos destacar, dentre tantos, os grupos que se estabelecem com a finalidade de exercer funções específicas (grupos de teatro, de música, de debates políticos, por exemplo), que são autênticos aos olhos da Universidade e considerados formais. Mas há, também, em meio ao que é legitimado pela Universidade e pelas Ciências, outra formatação grupal, validada pela vivência dos estudantes, mas pouco explorada em pesquisas científicas. É o exemplo dos grupos formados por colegas de classe que têm como objetivo, sobretudo, promover o conforto emocional fundamental para o desempenho das atribuições acadêmicas (MEDEIROS, 2018). A gama de socialização marginalizada é extensa. E, em meio a essa diversidade, há os grupos que se configuram com o intuito de debater os textos selecionados para o processo seletivo de acesso à Pós-Graduação em Educação da UFRN e que, apesar de sua invisibilidade, são formados e têm sua prática efetuada dentro da Universidade e afetam a vivência de inúmeros estudantes, ano após ano. É, portanto, nosso objetivo, neste trabalho, *investigar os impactos da formação de grupos de estudos informais no percurso dos estudantes que pretendem ingressar na pós-graduação em Educação da UFRN.*

Optamos pelo tema pois, justamente, fizemos parte do mesmo grupo de estudos informal e criamos não somente um laço afetivo, mas descobrimos, no decorrer do processo, uma paixão em comum: o debate sobre a socialização e suas influências na vida acadêmica dos estudantes da UFRN. A partir de então, vislumbramos um estudo que unisse o conteúdo que nos conectava e a experiência compartilhada. Foi assim que surgiu a temática abordada nesse artigo. Compreendemos que o que está prestes a ser discutido possui total relevância, diante da quantidade de grupos de estudos informais que se constituem dentro da



universidade, cada um com seus pontos de debate e necessidades, sem os quais, a experiência acadêmica dos estudantes, seria absolutamente diferente do que conhecemos hoje.

Para fundamentar, teoricamente, nosso estudo, recorreremos a dois trabalhos de Ferreira (2012; 2014) e à dissertação de mestrado de Medeiros (2018), pois os autores, além de realizarem uma discussão pertinente acerca da socialização – seu conceito e suas aplicações na sociedade, também lançam mão de um estudo que aborda os impactos da afetividade entre pares na vida cotidiana dos estudantes do ensino superior. Apesar de, no presente estudo, o objetivo se relacionar a pós-graduandos em potencial, julgamos que as constatações dos autores, em suas obras, têm profunda relação ao que nos foi fornecido pelos sujeitos dessa investigação, em seus relatos de experiências.

Como mencionado do parágrafo anterior, para a construção desse estudo foram coletados e analisados seis relatos de experiências de estudantes que atualmente fazem parte ou concluíram cursos de pós-graduação e que, durante o processo seletivo, fizeram parte de algum grupo de estudos informal. Os relatos foram coletados via WhatsApp, devido às limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus e foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Ao longo do texto, serão expostos nossos achados acerca de como a socialização entre pares impacta a trajetória dos estudantes que vislumbram uma vaga na pós-graduação. Podemos adiantar que os encontros favorecem não apenas a consolidação de conteúdos acadêmicos, no momento em que discutem os textos. Mas, sobretudo, são uma fonte de alívio das tensões do processo seletivo. Aspecto que abre caminho para uma importante discussão acerca da afetividade e das emoções no percurso dos futuros pós-graduandos.

Finalmente, abrimos as portas para esta discussão e esperamos que ela desperte os leitores para o desenvolvimento deste e de outros temas sensíveis e fundamentais que necessitam ser descortinados e dialogados cientificamente.

METODOLOGIA



Como dito, em virtude da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), não pudemos realizar entrevistas presenciais para a construção desse artigo. Após traçar as estratégias sobre que caminhos percorrer e sobre como levantar os dados que fundamentariam nosso estudo, decidimos usar o aplicativo WhatsApp como ferramenta de coleta de materiais. Elaboramos uma mensagem e enviamos aos grupos de colegas da pós-graduação, na qual pedimos que, os que tivessem interesse, nos enviassem um breve relato de experiência, no qual discorressem sobre suas experiências em grupos de estudos informais, criados na época da do processo seletivo, destacando aspectos positivos e negativos dessa vivência. Algumas pessoas se comprometeram, mas não chegaram a enviar os relatos. Ao todo, foram compartilhados seis narrativas. Apesar de ser um número pequeno, todos chegaram ricos em conteúdo e nos deram as ferramentas necessárias para o cumprimento de nosso objetivo.

Como dito, nossa pesquisa teve a participação de seis sujeitos, todas do sexo feminino, cujos pseudônimos foram por elas escolhidos. São eles: Sophia, Amor, Elita, Aurora, Luíza e Frida. Sophia, de 24 anos, é estudante de mestrado; Amor, de 47 anos, é mestre em Educação; Elita, de 25 anos, é estudante de mestrado; Aurora, de 23 anos, é estudante de mestrado; Luíza, de 25 anos, é estudante de mestrado e Frida, de 29 anos, é mestre em Educação.

Optamos por tal metodologia de coleta de dados pois acreditamos em seu potencial para promover uma compreensão rica das experiências dos sujeitos da investigação – suas opiniões, sentimentos, atitudes e aprendizagens. Havendo, ainda, a necessidade de definição de uma técnica que nos auxiliasse nas análises dos dados obtidos, nos ancoramos na análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), da qual utilizamos suas três principais etapas: A primeira delas – a etapa da “pré-análise” (BARDIN, 1977), que consistiu na organização do material que nos foi fornecido. Posteriormente, partimos para a segunda etapa – a “exploração do material” (BARDIN, 1977). Em conformidade com Gil (2008), esta etapa tem como finalidade “administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise” (GIL, 2008). Refere-se, portanto, ao recorte, enumeração e a classificação do material coletado. Por fim, a terceira etapa – o “tratamento dos dados, interferência e interpretação” (BARDIN, 1977), cujo objetivo é validar os dados e “torná-los significativos” (GIL, 2008), por meio de nossas conclusões e interpretações.

Foi, esse, portanto, o caminho metodológico por nós trilhado para a concretização deste estudo que, além de tratar de um tema tão pertinente, possui um valor sentimental



profundo, pois nos enxergamos nos fragmentos de vida fornecidos pelas meninas que cooperaram com nossa investigação, por termos feito parte de um grupo de estudos informal e considerarmos a socialização que estabelecemos, ao longo dos meses nos quais estudamos juntos, como parte crucial de nosso sucesso no processo seletivo que participamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os pontos de discussão em potencial, que poderíamos destacar dos relatos de experiência, optamos por apresentar os aspectos inerentes à socialização mais ressaltados nas falas dos sujeitos da pesquisa., criando, assim três grandes *categorias* (MORAES, 1999). Desse modo, após a transcrição e estudo minucioso de cada narrativa, decidimos que trataríamos, especialmente, do debate acerca dos *impactos da constituição de grupos para a consolidação de conteúdos acadêmicos; dos impactos do engajamento dos integrantes do grupo para o sucesso na seleção e dos impactos da socialização para alívio das tensões do processo seletivo.*

Um dos aspectos destacados na fala dos sujeitos, sem dúvida, foram os impactos da constituição dos grupos de estudos informais para a consolidação dos conteúdos acadêmicos. Separamos, dentro do material que nos fora fornecido, algumas falas, para fundamentar nossa discussão, que serão dispostas em formato de tabela:

Impactos da constituição dos grupos de estudos informais para a consolidação dos conteúdos acadêmicos

Sophia

Foi a minha primeira vez estudando para uma prova de mestrado e, inicialmente, eu estudava sozinha, sem ter contato com ninguém que ia fazer a prova. Depois encontrei um grupo que me ajudou bastante. Inicialmente, com os estudos individuais, eu sentia bastante dificuldade em compreender muitas coisas em relação ao conteúdo da prova, embora eu tenha lido bastante os textos, feito fichamentos... Ainda ficavam as dúvidas se minha interpretação estava correta. Então encontrar um grupo de estudos abriu muitos horizontes pois discutir os conteúdos e assuntos da prova é muito diferente de estudar sozinho. Porque você vê a forma como aquela pessoa interpretou, você vê o que ela entendeu e o que você não conseguiu entender daquele assunto e isso gera debates. E esses



debates fortalecem o entendimento de todo o conteúdo.

Frida

Quando um texto ou algum tipo de conteúdo é trabalhado no coletivo, no momento da troca de informações, isso acaba ampliando nossa percepção sobre o conteúdo e sobre as várias possibilidades de interpretação em torno dele, né?

Optamos por abrir nossa discussão com essa categoria pois, indubitavelmente, ao se constituir um grupo de estudos que tem como objetivo a discussão dos textos selecionados para um processo seletivo de mestrado ou doutorado, esperamos que os encontros nos auxiliem em nossa compreensão sobre as teorizações ali descritas. Ao compararmos as falas de Sophia e Frida, a grande colaboração neste sentido, está relacionada ao fato dos encontros serem fundamentais para a autoavaliação da **interpretação** do conteúdo estudado.

Intimamente ligado ao item anterior, destacamos, também, os *impactos do engajamento dos integrantes do grupo para o sucesso na seleção*. Elegemos, para compor essa categoria, as falas de Elita, Frida e Luíza, por evidenciarem os desdobramentos de assumir um compromisso com os pares:

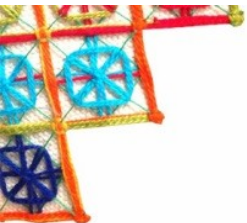
Impactos do engajamento dos integrantes do grupo para o sucesso na seleção

Elita

Particpei de duas seleções para ingressar no programa de Pós-Graduação em Educação. Nas duas tentativas uma em 2018 e outra em 2019 participei de dois grupos respectivamente, mas no primeiro grupo (2018) não havia tanta assiduidade nos encontros, mesmo assim foi bem proveitoso. Em 2019 participei de um grupo que possuía mais foco, nele além de discutirmos os textos também discutíamos os projetos e as colocações dos colegas eram sempre pertinentes. Nessa última experiência todos os colegas tiveram uma experiência positiva de aprovação.

Frida

Por haver uma responsabilidade quanto aos dias de encontro e com os debates dos textos a gente cria uma disciplina, uma rotina, um cronograma de estudos que, talvez, sozinho não conseguisse cumprir porque não teria a responsabilidade de debater em grupo.



Luíza

Penso que se tivéssemos essa rotina em todas as nossas formações, sejam elas inicial ou continuada, conseguiríamos obter ao final dos nossos cursos uma formação teórica mais sólida.

Em sua fala, Elita nos dá as ferramentas para a abertura desse debate, sobretudo, ao destacar que, no segundo ano de seleção (2019), no qual o grupo era mais ativo, todos obtiveram o sucesso no processo seletivo. Não precisamos ir muito além na explicação de tal fenômeno pois Frida, em sua fala, já nos desvela algumas respostas. Ao assumirmos um compromisso com um grupo, nos disciplinamos ainda mais, pois estamos cientes de que, coletivamente, lidamos com a nossa expectativa individual, mas, também, com a expectativa de nossos pares acerca do nosso compromisso com o grupo e com o próprio processo seletivo e entendimento sobre a temática estudada. Há, entrelaçada a esses fatos, a vontade de cooperar com a experiência de nossos colegas de estudo. Desse modo, estamos, a todo momento, nos autoavaliando, avaliando nossos pares, e sendo, por eles avaliados. Isso gera um comprometimento superior àquele gerado em nossos estudos individuais e nos impulsiona a expor, ao grupo, a nossa melhor versão.

Luíza, por sua vez, reafirma a relevância da rotina também mencionada por Frida e realiza, ainda, uma avaliação positiva, em seu uso não apenas no processo seletivo, mas, destaca sua importância em todas as instâncias da nossa trajetória acadêmica.

A terceira e última categoria é, para nós, a mais importante. Pois ela descortina um aspecto pouco referenciado nas pesquisas acadêmicas e invisibilizada pelo cotidiano formal da academia. Trata-se dos *impactos da socialização para alívio das tensões do processo seletivo*. O tópico está ligado ao âmbito emocional dos estudantes e, tal como afirma Ferreira (2012), tem passado, nos últimos anos, por um “árduo processo de reconhecimento de sua importância” (FERREIRA, 2012). Como feito anteriormente, traremos, inicialmente, as vozes dos sujeitos de nossa investigação, seguidos de nossa interpretação e impressões sobre o ponto em debate:



Impactos da socialização para alívio das tensões do processo seletivo

Amor

O nosso grupo de estudos foi, na minha vida, um trampolim para o meu sonho acadêmico. O grupo nos dá a oportunidade de aprender com o outro, de dividir as angústias. Porque o nosso grupo, ele era meio que um divã para todo mundo. Nessas relações isso é muito importante: os laços de afetividade, os laços de afinidade, que terminam no ponto de chamarmos o espaço de divã. Quem nunca sentou ali e contou um pouquinho de sua vida? É tanto que a gente termina sabendo um pouquinho da vida de cada um, dos sentimentos do grupo. A gente termina dividindo as tristezas e alegrias.

Aurora

Esse grupo trouxe uma partilha não somente de aspectos teóricos, mas também afetivos. Pois, assim como eu os demais colegas já tinham passado pelo processo de não serem aprovados em seleções anteriores. O que me trouxe conforto emocional.

Destacamos o aspecto emocional e o elegemos como uma importante categoria a ser tratada nesse estudo, pois, como mencionamos, há, ainda, uma lacuna nos trabalhos acadêmicos que tratam das multifaces da socialização universitária. De acordo com Ferreira (2014), há, nas relações estabelecidas nos variados espaços da Universidade, uma “socialização genérica” (FERREIRA, 2014, p. 128) que “não está prevista nas didáticas escolares, entretanto, é um fenômeno que, assim como a sala de aula, é uma fonte de formação humana e social, em potencial” (MEDEIROS, 2018).

Partindo desse pressuposto, não pretendemos, de forma alguma, retirar o crédito dos conteúdos científicos aprendidos na interação com o grupo de estudos. Nossa intenção, ao expor o exemplo de Amor e Aurora é mostrar que a universidade é muito mais do que um espaço cujos pilares estão firmados apenas na organização do tempo em atividades obrigatórias, relacionadas a “conteúdos e métodos cognitivos” (FERREIRA, 2014, p. 128). E que um processo seletivo como o que foi vivenciado por nós e pelos sujeitos desse estudo, envolve muitos outros aspectos, além da habilidade em reuplicar teorizações. Um deles, por exemplo, é o apoio emocional dos pares no alívio da tensão causada pelo medo do fracasso. A esse respeito, discorre Ferreira (2014):



Existem, de fato, muitas pressões do ambiente universitário sobre as condições psicológicas e cognitivas dos estudantes, que veem, nos modos de sociabilidades, recursos para reagirem a essa dupla carga estressante. Então, a socialização universitária serve, simultaneamente, como meio de alívio afetivo, pela satisfação emocional e social (amizades, encontros, festas, passeios, sexo, relações amorosas), e como recurso comum e autogerido para a realização bem-sucedida das tarefas acadêmicas e a compreensão dos conteúdos (apresentações em sala de aula, participação em eventos e boas notas). (FERREIRA, 2014, p. 131).

Na citação acima descrita, o autor trata das pressões provenientes da rotina dos estudantes que já ocupam vagas regulares em cursos de graduação (ou pós-graduação). Entretanto, optamos por utilizá-la para fundamentar a temática em estudo, pois ela sintetiza parte dos impactos da socialização entre pares em um processo seletivo. Pois se, de um lado, conseguimos, por meio dela, a melhor assimilação do conteúdo estudado, através dos debates e leituras coletivas, de outro e com igual relevância, encontramos, ali, satisfação emocional, apoio e afetividade.

Independente de se tratar de um processo seletivo, é fundamental que se reconheça que é, também, na dinâmica informal da Universidade, que se encontram os modos de sobrevivência acadêmica dos estudantes. Ao unir-se a seus pares, eles estabelecem o “apoio social e constroem os recursos cognitivos e emocionais necessários para superar as dificuldades e terem chances de sucesso no ensino superior.” (FERREIRA, 2014, p. 137). Pois, além do próprio nervosismo natural de um processo que transformará nossas vidas, precisamos equilibrar as demais tarefas do nosso dia a dia, como casa, filhos, trabalho, relações amorosas, dentre tantas outras funções por nós ocupadas. E os próprios desabafos que realizamos durante os encontros, nos dão a força necessária para que sigamos adiante, como bem dito por Amor.

Essa discussão é fundamental para que, de uma vez por todas, ampliemos nossa compreensão acerca do fenômeno educacional “para além do seu sentido cognitivo e moral, apresentando a dinâmica afetiva movida pelo uso das emoções nas interações cotidianas” (FERREIRA, 2012, p. 180) do meio ambiente universitário.



Como visto, estamos, a todo momento, salientando a relevância de se debater aspectos relacionados aos sentimentos e emoções dos estudantes, ligados a outros aspectos da rotina estudantil. Isso ocorre pois, estando, todos, nesta condição, sentimos os impactos da socialização, ao passo que vamos elaborando as estratégias que fortalecem nossa trajetória acadêmica.

O apoio que recebemos de nossos pares na mediação das tensões diárias, quando fazíamos parte de um grupo de estudos informal, estudando para o processo seletivo no qual fomos aprovados, foi e continua sendo crucial para que nos mantenhemos ativos em nossa formação que é científica e acadêmica, mas é, também, humana e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora exaustivamente mencionado, evitamos, nesse trabalho, o debate sobre o que é comum em ser visto, e trouxemos à luz um tema pouco explorado por pesquisadores, mas que está na base da trajetória acadêmica dos estudantes.

Não foi ou é nossa intenção retirar a relevância do aspecto cognitivo da vida acadêmica dos estudantes. Tampouco queremos invalidar a consolidação dos conteúdos acadêmicos e científicos, proveniente da formação de grupos de estudos informais. Nós mesmos destacaríamos tal aspecto como uma das grandes colaborações da socialização entre pares para um processo seletivo. Entretanto, queremos destacar que, em um movimento desta natureza, como em uma graduação ou pós-graduação, além dos conteúdos estudados, não podemos esquecer dos demais elementos que constituem a rotina dos pós-graduandos em potencial, que interferem diretamente seus processos de seleção ou o desempenho acadêmico daqueles que estão devidamente matriculados em seus cursos.

Para nós, é impossível rememorar nossos encontros sem destacar o conforto emocional promovido pelo grupo, bem como o incentivo para que não desistíssemos em meio às etapas. Foram meses de angústia, de medo do fracasso, de nervosismo, de insegurança com relação aos futuros projetos e entrevistas. Foram tardes e noites unidos, produzindo, ajudando no reequilíbrio uns dos outros. Sem contar na quantidade de cafés e salgados em meio às



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

lágrimas. O grupo nos ensinou a acolher a dor do outro e a nossa própria dor. Nos deu a oportunidade de evoluirmos cognitivamente, é claro. Mas, sobretudo, humanamente. Esse, com certeza, é um dos grandes legados de nossa socialização.



REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. BERELSON, B. Content analysis. In: Communication Research. New York: University Press, 1977.

FERREIRA, Adir Luiz. Afetividade, convivência emocional e sedução: estratégias pedagógicas na prática de professores? In: CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Inconsciente e educação**. Curitiba: PR: CRV, 2012. p. 163-185.

_____. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é suficiente. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, V. 22, n. 37, 1999. p. 7-32.

MEDEIROS, Natália Cristina de. **A socialização extraclasse e extrauniversidade como estratégia de sobrevivência acadêmica de estudantes do ensino superior na UFRN**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Cap. 4.